

quatro e fazíamos uma síntese dos seus depoimentos diante das câmeras. Era uma espécie de trailer do que viria nas outras semanas.

Naturalmente, a pesquisa com cada um deles era a mais completa possível. Numa mistura de repórter-analista e padre, nós passávamos muitos dias, até semanas, ouvindo essa gente. Depois, na entrevista diante das câmeras, no trailer, contávamos com a presença do ator ou principais atores que representariam os papéis mais importantes e que, fazendo perguntas, mergulhavam como nós no mundo de cada entrevistado. Era isso mesmo o que acontecia. Cada uma dessas pessoas nos abria o mundo dela. Por exemplo, levamos lá um 'Pai de Santo'. E ele nos mostrou como era o universo da Macumba, o que era o Candomblé, como é que ele tinha chegado a ser o rei do seu Terreiro. Tratava-se de um ex-operário pernambucano que trocara o salário mínimo e sua vida insípida por uma pequena monarquia que, inclusive, ele dirigia com sabedoria e bom humor. Lembro que até ganhara de um dos seus clientes um presente digno dum verdadeiro príncipe — um pavão magnífico que, durante toda a entrevista, absolutamente indiferente às câmeras e luzes, pousava felinianamente, com sublime indulgência, no ombro do seu senhor. Nas três semanas restantes de cada mês, escrevíamos e montávamos as telepeças anunciadas ao público. Ficou um teleteatro completamente diferente. (...)

E surgiram temas fascinantes. Descobrimos uma mulher que vivia só de concorrer a prêmios de auditório. Uma outra, a que fazia strip-tease, para quem o fato de tirar a roupa equivalia sinceramente a uma representação de arte pura. No fundo, ela era tão artista quanto a Glória Menezes ou outra qualquer. Ela nos disse com a maior candura e verdade que nunca tinha feito dois strip-teases iguais, nunca! Para ela eram sempre diferentes. E antes de começar cada um, ela fazia o sinal da cruz. Enfim, nós descobrimos a força, a beleza e a poesia da realidade. Entrevistamos e fizemos um texto sobre um batedor de carteiras que também foi sensacional! Ele nunca andava na calçada, só andava no meio da rua, para não ser achacado pelos tiras, porque, na verdade, tinha muito mais medo deles quando roubava, do que quando não estava filando as carteiras do pessoal. Então ele andava pelo meio da rua para mostrar que não estava perto de ninguém e não poder ser achacado. Ele era corintiano e trabalhava especialmente no Pacaembu. Mas, quando o Corinthians jogava, ele não conseguia roubar. Em suma, nós descobrimos aí a tremenda originalidade do real.

Fizemos scripts durante um ano. Eu escrevi uns dois terços do total de scripts, Túlio de Lemos escreveu o terço restante com um empenho maravilhoso e o Roberto Palmari nos ajudou na montagem de todos eles. Nessa ocasião também compreendi que os atores tinham que ser de outro tipo. (Foto 43) A interpretação precisava ser criativa mesmo. Então eu me lembro que fui ao Teatro Oficina e numa noite só contratei o Raul Cortez, Mauro Mendonça, Rosamaria Murtinho, Armando Bógus, Ronaldo Daniel, enfim, quase todo o elenco que estava lá. Acredito que esse tenha sido o melhor programa que eu consegui fazer em toda a minha vida profissional. Fizemos a história de um ex-pracinha. Naturalmente não tínhamos medo de parecer nacionalistas. Os rótulos nunca me atemorizaram. Mas acho que fomos bem além disso. Fizemos, por exemplo, um script sobre um promotor, Eduardo Carlos Brizolla, que estava iniciando uma verdadeira reforma no Forum. Outro sobre um deputado populista, que, naturalmente, tinha se eleito recorrendo a métodos incríveis. Outro sobre o Dener. Ainda outro sobre um personagem que havia concorrido a O Céu é o Limite. O que acontecia para um homem desses chegar até lá? Qual seria a vida particular dele, etc. Um outro sobre um vigarista maravilhoso, um homem que passava o conto do vigário de vender geladeiras que não existiam. Era tão inteligente que, ao ser preso, dominou o Código Penal de tal modo que, lá dentro da cadeia, conseguiu libertar uns quinze! E o pagamento que ele recebia era em laranjas, bananas... Em suma, foi uma renovação geral de tema, de linguagem e de comportamento de ator.

Mas, desgraçadamente o Boni, que tinha sido o grande entusiasta desse teleteatro, lá pelas tantas teve uma briga com o Edson Leite e saiu. Então nós ficamos mais ou menos órfãos de pai e mãe. Nós três, o Túlio, eu e o Palmari, achávamos que tínhamos feito uma certa revolução no teleteatro. Brincando, nós dizíamos que, enquanto os outros estavam ainda puxando a descarga com fio pendurado, nós já tínhamos inventado a válvula Hydra... E imaginávamos candidamente que a televisão não voltaria mais pra trás. Que qualquer pessoa que pensasse em televisão dali por diante, tinha que partir daquilo. De observar como os nossos cenários, por exemplo, eram reais e não mais aquelas misturas de colunas gregas com pirâmide egípcia para contar uma história de Sherlock Holmes passada na Inglaterra... Em suma, como de repente tudo tinha ficado autêntico e mais correto. E nós nos divertíamos porque junto com o nosso, continuava a existir o teleteatro tradicional, até na mesma emissora. Na Tupi continuavam o TV de Comédia e o TV de Vanguarda, com as suas formas tradicionais. E na própria Excelsior tinha um outro teleteatro nos moldes antigos. (...) Mas, ao contrário do que nós pensávamos, deu tudo pra trás..." (3)

Em meados de 1963, Edson Leite lançou a telenovela diária, forma que já existia em outros países da América Latina. Com a gradativa afirmação do gênero, o Teatro 63 viu-se ameaçado. Aos poucos, o programa, que era transmitido aos sábados, à noite, sob o patrocínio das Casas Gabriel Gonçalves, foi se tornando oneroso para a estação. Apesar de ter uma audiência boa, não podia competir com a telenovela a qual, além do mais, passara a ocupar os principais atores da emissora, praticamente impossibilitando-lhes a participação em outros programas. Assim, ao término de 1963, o Teatro 63 teve o mesmo destino de seus irmãos tradicionais, saindo do ar antes mesmo de alguns deles.



(Foto 43) Silvio Francisco em Seu Ribeiro, teatralização da vida do ator Milton Ribeiro (1963).
Teatro 63 — TV Excelsior — São Paulo
Foto/Arquivo Silvio Francisco

(3) Depoimento de Walter George Durst ao IDART, São Paulo, novembro de 1976.